



# VESTIBULAR CURSOS SUPERIORES 2016/2 Edital 044/2016

## LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES

**01.** Antes do início da prova, confira com atenção o caderno de redação. Verifique se as páginas estão em ordem numérica correta. Caso o caderno esteja incompleto ou tenha qualquer defeito de impressão, solicite ao fiscal que o substitua.

**02.** Neste caderno de redação, o candidato só poderá escrever o seu nome no lugar apropriado para identificação. No texto definitivo, não será permitido nenhum tipo de assinatura.

**03.** Para elaborar a redação, o candidato deverá usar a página de rascunho contida neste caderno. Depois, terá que transcrevê-la para a página do texto definitivo, com caneta esferográfica azul ou preta, pois o texto transcrito será o único corrigido.

**04.** O candidato só poderá se retirar da sala após 02h40 (duas horas e quarenta minutos) do início da prova e **não levará consigo este caderno de redação.**

## PROVA DISCURSIVA

NOME DO CANDIDATO

Nº DE INSCRIÇÃO



**REDAÇÃO**

LEIA COM ATENÇÃO OS TEXTOS ABAIXO.

**TEXTO I**

**SER MÃE**

*Coelho Neto*

Ser mãe é desdobrar fibra por fibra  
o coração! Ser mãe é ter no alheio  
lábio que suga, o pedestal do seio,  
onde a vida, onde o amor, cantando, vibra.

Todo o bem que a mãe goza é bem do filho,  
espelho em que se mira afortunada,  
Luz que lhe põe nos olhos novo brilho!

Ser mãe é ser um anjo que se libra  
sobre um berço dormindo! É ser anseio,  
é ser temeridade, é ser receio,  
é ser força que os males equilibra!

Ser mãe é andar chorando num sorriso!  
Ser mãe é ter um mundo e não ter nada!  
Ser mãe é padecer num paraíso!

(NETO, Coelho. *Ser mãe*. Disponível em: <<http://www.jornaldeposia.jor.br/cne01.html>>. Acesso em: 20 mai. 2016.)

**TEXTO II**



(Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=charges+de+mãe>>. Acesso em: 20 mai. 2016.)

**TEXTO III**

“Mãe é só uma, porque se fossem duas ninguém aguentaria.”

*Dito popular*

**TEXTO IV**

[...] As imagens negativas da mulher foram construídas ao longo do tempo relacionando o sexo feminino a características como fragilidade, passividade e até mesmo maldade, sendo oriundas (no Ocidente) da tradição judaico-cristã. Esses estereótipos chegaram ao Brasil via tradição ibérica e, especialmente a partir do século XVIII, cristalizaram a ideia de que a mulher deveria reprimir seus desejos e individualidade, aceitando a subalternidade em relação ao universo masculino, especialmente o marido, tendo como tarefa principal a submissão e a geração de filhos.



A sociedade brasileira daquela época era patriarcal, ou seja, as famílias seriam organizadas em torno da figura central do chefe de família, marido e pai. O patriarcalismo extrapolava as fronteiras familiares, permeando as relações de poder existentes no Brasil colonial e escravista, em que as figuras masculinas representadas pelos senhores da casa-grande imperavam sobre as demais: esposas, filhos e escravos. Entretanto, o avanço das pesquisas sobre o seu cotidiano revelaram a relatividade deste “império masculino”, indicando que a organização social era mais complexa e dinâmica do que se imaginava, mostrando que o papel das mulheres (inclusive enquanto mães) poderia ir muito além da submissão a uma figura masculina.

O estudo de documentos como processos criminais, registros paroquiais e cartoriais, recenseamentos (listas nominativas), além de relatos de viajantes estrangeiros, possibilitaram aos historiadores a identificação de diferentes tipos de relações familiares nos séculos XVIII e XIX, revelando uma diversidade mascarada pelos velhos estereótipos em torno da sociedade e das próprias mulheres/mães, especialmente as escravas, libertas e livres pobres, que se desdobraram em múltiplos afazeres essenciais, por exemplo, ao funcionamento dos núcleos urbanos, como o abastecimento de gêneros de primeira necessidade e os serviços domésticos em geral. Contrariando a “norma”, um número considerável de mulheres desempenhou o papel de chefe de suas famílias. Para além da ideia de família patriarcal, diversos modos de organização familiar foram identificadas, como o concubinato e outras formas de uniões conjugais transitórias ou instáveis, tendo resultado na formação de domicílios chefiados por mulheres, mães de filhos tidos como “ilícitos”, ou seja, gerados fora de um casamento formal. Para alguns historiadores, o alto índice de mães chefes de domicílio solteiras nos séculos XVIII e XIX poderia ser explicado em parte por conta dos casamentos serem muito caros e com processo demorado, o que nem sempre seria uma opção para os mais pobres, contrariando a ideia de que o matrimônio formal seria maciçamente predominante.

O papel da mulher na sociedade mudou significativamente ao longo do século XX, o que provocou a desconstrução de alguns dos estereótipos que giravam em torno do sexo feminino. O processo de industrialização, assim como a emergência dos movimentos feministas em meados do século passado possibilitaram a conquista de direitos civis e garantiram que as mulheres pudessem exercer outros papéis além do de dona de casa e mãe, favorecendo a organização de novos tipos de arranjo familiar, menos desiguais no que diz respeito à relação entre homens e mulheres. O fato de mulheres chefiarem famílias não era novidade, mas o reconhecimento social desta condição mudou consideravelmente, sendo hoje menos atingida pelo preconceito. Entretanto, muitos problemas ainda persistem.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), a proporção de mulheres chefes de família aumentou consideravelmente entre os anos de 1995 e 2009, passando de 22,9% para 35,2%, respectivamente, significando que cerca de 21,7 milhões de famílias brasileiras são chefiadas por mulheres, sendo a maioria mães. Ainda de acordo com estes dados, a maioria das famílias chefiadas por mulheres estão inseridas em espaços urbanos, apresentando-se menos nas áreas rurais. Além disso, as mulheres hoje permanecem na escola mais tempo que os homens: em 2009, a taxa de escolarização das mulheres no ensino superior era de 16,6%, enquanto a dos homens, de 12,2%. Mesmo ocupando o papel de mãe, muitas mulheres têm conseguido aumentar seu grau de instrução, alcançando melhores postos de trabalho, alguns destes antes exclusivamente masculinos.

Ainda de acordo com o IBGE e IPEA, as mulheres continuam enfrentando problemas para cuidar das famílias por elas chefiadas. Em comparação com as famílias chefiadas por homens, aquelas comandadas pelas mulheres (especialmente as negras) ainda sofrem com maior vulnerabilidade, tendo rendimento *per capita* muito abaixo do percebido pelos homens.



